

ESPANJAMENTO

SEMÁRIO NACIONALISTA

Director e Editor, ANTÓNIO-LINO

Redacção e Administração: Rua de Santo António, 84
Composição e impressão: Tipografia "Minerva" — Famalicão
Propriedade da Empresa Editora Vimaranesa

O "28 DE MAIO" A' MARGEM

NA HISTÓRIA PORTUGUESA

por MANUEL ARAÚJO.

O «28 de Maio» marca no tempo e na história a arrancada vitoriosa da Nação, contra o domínio estrangeiro, exercido afrontosamente pelo regime que mais negou a nossa vocação secular, latina e missionária. Se os seus organizadores não profundaram completamente o sentido das forças ocultas que os comandavam — e os impeliaram para uma revolta de verdadeiro carácter nacional, para um acto que tocou a própria alma dum povo — o certo é que foram os mandatários dos interesses permanentes de Portugal e os resgatadores da pureza do espírito lusíada.

Foi o ambiente criado e a sincera aspiração de regressarmos às fontes reais da nossa História, da nossa maneira de ser, que determinaram esse movimento militar e actuaram no fundo da nossa consciência colectiva, como verdadeira origem — como causa — da grande Revolução. Isto quer dizer que antes dela se tornar um facto consumado, no domínio público, já existia em labareda no sub-consciente de cada um de nós.

Realmente, o «28 de Maio» foi antes de tudo, o acto definitivo da reacção do País contra a democracia-liberal que os nossos pais importaram, e desfigurou o carácter tradicional da Nação Portuguesa. Existindo há largos anos em estado latente, nela entroncam, como ramos duma mesma árvore, os movimentos de Pimenta de Castro e de Sidónio e as próprias sublevações anteriores, que amarguraram a vida do liberalismo e encheram a galeria nacional, de heróis e de sacrificados.

E' que as ideias de 89 — que a França baldamente tentará reviver, com as comemorações anunciadas — nunca conquistaram a inteligência e a alma do povo. Habitado à existência dum Chefe Nacional, que velava por ele e assegurava a unidade e a prosperidade da Nação, o português

em breve pôde verificar que a existência da «Carta» era o princípio da desordem e dos dissídios: perdeu-se com ela o sentido da nossa missão no Mundo e lançou-se o país na ladeira da vergonha e da decadência, até se atingirem, com os governos republicanos-liberais, os últimos degraus da anarquia interna e do desprestígio externo. O espírito partidário foi demolindo pouco a pouco a obra dos séculos, instaurando o ódio entre os homens e ideias suicidas no Estado.

Eis porque a verdadeira alma da Nação nunca se pôde ajustar e conformar com o figurino estrangeiro. Eis porque o movimento de «28 de Maio» nunca se deixou absorver pelos malabárimos dos falsos profetas que desde a primeira hora procuram dominá-lo e colocá-lo ao serviço das suas ambições de predomínio.

Baquearam as tentativas deshonrosas de José Domingues dos Santos e de seus pares; baquearam as habilidades saloias de Cunha Leal; baquearam depois, e sucessivamente, tôdas as manobras, encobertas ou ocultas, mas sempre fortemente desonestas, de todos os que pretenderam servir-se da Revolução e tentaram conduzi-la, no todo ou em parte, para o caminho inglório dos princípios que firmemente temos combatido.

Saüdemos, pois, no glorioso movimento que se comemora no dia 28 de Maio, o espírito de Portugal eterno e imperial, o espírito da Unidade e Continuidade da Pátria, o espírito que nos fez grandes, nos levou a todos os Continentes e canta a epopeia da nossa História e da nossa imortalidade.

Rememoremos comovidamente a figura lendária de Gomes da Costa coberta pelas palmas da heroicidade, e saüdemos em Carmona e Salazar a expressão mais alta do Espírito Português.

«A CONSIDERAÇÃO que à consciência social merecem as pessoas está na razão inversa do aumento das suas virtudes cristãs.

A fama raras vezes concorda com a realidade espiritual de quem a ostenta. Coloca-se o *parece ser*, em lugar do *ser*.

... E' correntio desdenhar do trabalho, mofar da virtude, desprezar os que cumprem o seu dever, sorrir da rectidão de consciência. O herói foi substituído pelo brigão.

A fidalguia e o cavalheirismo antigos assistem ao triunfo do cinismo, da astúcia, da reserva mascarada de valor, do engano e da mentira.»



É QUE A EDUCAÇÃO não pode ficar sòmente enclausurada nas Escolas. Ela tem de sair, portas fora, e chegar à sociedade. Um século liberal entorpeceu a nossa consciência secular. E muitos dos que se julgam já ter percorrido a sua estrada de Demasco, enganam-se e enganam-nos. Ao mais pequeno descuido, de novo os vícios do *meio* em que nasceram e foram criados, aparecem, gerando uma nova era de confusões.



ASSIM APARECEM nacionalistas, que se dizem sinceros ou que nós julgamos sinceros, chegados à última hora às nossas trincheiras de combate, defenderem ou atacarem princípios que contradizem ou definem a nossa mentalidade de verdadeiros revolucionários. Atacam princípios que fazem parte do nosso programa; defendem princípios que condenamos. Gerou-se assim uma era de contradições, de intrigas e mal estar constante, que tem de acabar.



A INCOERÊNCIA TOMOU forma. Aceitam-se os princípios da organização corporativa mas defende-se, em alguns casos, a livre concorrência, em abaixamentos sucessivos de preços, debaixo de pressões de momento. E quem nos garante que, desaparecidas essas pressões, não farão todos os possíveis por explorarem de novo o povo como até ao aparecimento delas exploravam?

Não querem pagar os mesmos ordenados que os outros — não há direito a intromissão nos seus negócios! — mas exigem que imponham medidas no preço comum das manufacturas.

D A C I D A D E

VIDA CATÓLICA

Domingo do Pentecostes

Evangelho (Joan., XIV, 23-31). — «Se alguém me ama, guardará a minha palavra, e meu Pai o amará, e nós viemos a ele e faremos nele morada. O que me não ama, não ama as minhas palavras. E a palavra que vós tendes ouvido não é minha, mas sim do Pai que me enviou. Eu disse-vos estas coisas, estando convôscos. Mas o Consolador, que é o Espírito Santo, que o Pai enviará em meu nome, vos ensinará tôlas as coisas e vos fará lembrar de tudo que vos tenho dito. A paz vos deixo, a minha paz vos dou: não vo-la dou como a dá o mundo. Não se turbe o vosso coração, nem fique sobressaltado. Já tendes ouvido que eu vos disse: Eu vou, e venho a vós. Se me amásseis, certamente havíeis de folgar de que eu vá para o Pai; porque o Pai é maior do que eu. E eu vo-lo disse agora, antes que suceda, para que, quando suceder, o creais. Já não falarei muito convôscos; porque vem o príncipe dêste mundo, e ele não tem em mim coisa alguma para que o mundo conheça que eu amo o Pai e que faço como ele me ordenou.»

Homilia. — Eis aqui nestas palavras de Jesus uma afirmação que deveria fazer trasbordar de alegria o nosso coração. Que proporção há entre o pouso que damos a Deus amando-o e a recompensa incompreensível que recebemos? Como pois se explica que ouvindo afirmações como esta fiquemos frios e indiferentes?

E' que nós não temos o espírito de fé, somos ligeiros e superficiais; êstes, ah!

Estas palavras do Salvador resumem em poucas palavras duas verdades que importam considerar: a natureza do verdadeiro amor de Deus; a sua recompensa.

Em que consiste o verdadeiro amor de Deus.

E' evidente que devemos amar a Deus; a isso somos obrigados por estas palavras formais: *Diliges Dominum Deum tuum*. A recordação dos seus benefícios devia também, por sua vez, tornar-nos agradável uma tal obrigatoriedade. Aqui na terra amamos os que nos fazem bem. Com maior razão, pois, *diligamus Deum, quia ipse prior dilexit nos*.

Sem falar no benefício da criação e nas mil precauções quotidianas da Providência divina, como ficar insensível a tudo quanto o Senhor se dignou fazer e sofrer por nós e isto voluntária e gratuitamente? E os Sacramentos? E os socorros espirituais de toda a ordem?

Apesar de tanta bondade, há muito poucos homens que o amam. Quantos, mesmo entre os que se dizem bons cristãos, andam iludidos a êste respeito! Quási todos dizem que amam a Deus. Mas o amor de Deus não consiste em palavras. Será o rótulo que faz o licor ou o substitue?

Alguns recitam muitas orações, vão

à Igreja e freqüentam mesmo os sacramentos... Sem dúvida isto é bom, mas não temos ainda aqui o amor de Deus. Porque estas obras podem não ser senão exteriores, fruto duma negra hipocrisia, ou pelo menos puramente maquinais.

Outros vivem austeramente, jejuam, mortificam-se. Estas obras são igualmente boas e muito úteis em si; mas nem sempre são sinais de amor de Deus, pois, muitas vezes estão acobertadas pelo orgulho; recordai-vos dos fariseus.

Em que consiste, pois, o verdadeiro amor de Deus? Escutai Nosso Senhor Jesus Cristo: *Se alguém me ama guardará as minhas palavras*. Eis o sinal certo, a prova infalível e irrefragável do amor de Deus. Que quere dizer: *guardará as minhas palavras*? *Guardar as palavras de Jesus* e observar os seus preceitos, fazer o que ele manda, abster-se de tudo o que ele proíbe; fazer sempre a sua vontade, cumprir os deveres do nosso estado. Eis o sinal do verdadeiro e sincero amor de Deus.

Recompensa que Deus dá.

Nosso Senhor acaba de dizer: — *aquele que me ama e guarda as minhas palavras, será amado de meu Pai e eu também o amarei, e me manifestarei a ele*. E a seguir explica melhor esta promessa: *Meu Pai o amará e nós viremos a ele e faremos nele a nossa morada*.

Só Deus podia fazer uma tal promessa e cumpri-la dum modo verdadeiramente divino.

Meu Pai o amará. Que quere isto dizer? Não foi Deus o primeiro a amar-nos e não ama ele todos os homens? Sim, sem dúvida. Mas o amor a que Deus se refere é um amor muito particular seguido de especiais graças e favores.

Consideremos a felicidade a que podemos chegar, se quisermos. Se procurássemos amar a Jesus, ser dóceis à sua palavra, fieis aos mais pequenos dos seus preceitos, seriam filhos muito queridos do Pai celeste, templos da augustíssima Trindade.

É um antegosto do paraíso, que se nos oferece e cuja aceitação depende de nós.

Oh! maravilhosa a caridade de Deus para conosco! Procuremos tornar-nos dignos dela para um dia a podermos gosar no céu. Amen.

(Thiriet).

Romaria do Espírito Santo

Realizou-se na freguesia de Calvos, lugar da Lapinha, a tradicional festividade em honra do Espírito Santo, havendo na véspera, às 10 horas da noite, um arraial, sendo queimado variado fogo de artifício.

Pelas 4 horas da tarde, saiu a procissão, acompanhada de um luzido cortejo de anjinhos e figuras alegóricas, clero e irmãos, fechando o préstito a Banda Nova das Taipas.

Depois de recolher a procissão, durante a tarde, a banda referida executou várias peças do seu repertório.

Comissão de Estética

O sr. Dr. João Rocha dos Santos, ilustre presidente da Câmara, deu posse à Comissão de Estética, à qual preside o sr. Dr. Augusto de Castro Ferreira da Cunha, vereador do Pelouro da Cultura da Câmara.

Após êste acto os membros da Comissão de Estética trocaram impressões acêrca de diversas obras que se prendem com as próximas Comemorações dos Centenários, tendo resolvido transferir do Largo do Carmo para a Praça do Toural, onde se encontra a Estátua de D. Afonso Henriques, a fonte Monumental ali existente.

Na mesma reunião tratou-se também de urbanização do Largo do Laranjal, a qual deve ficar concluída para o início das festas Centenárias de 1940.

Chá dançante

Nos primeiros dias de Junho, realizar-se-á, promovido pela Legião, em benefício da sua Acção Social, um chá dançante no recinto da Escola Industrial e Comercial desta cidade.

Breve daremos mais notícias.

Vai inaugurar-se uma escola

Pelas 14 horas do próximo domingo, deve ser solenemente inaugurado o novo Edifício da Escola Primária oficial da freguesia de S. João de

Ponte (Campelos) de que é professor o nosso amigo e camarada Fernando Augusto Pinheiro de Almeida.

Casa Manuel da Cunha Machado, Filhos

Os srs. Manuel Joaquim e Joaquim Antonio da Cunha Machado, da firma Manuel da Cunha Machado, Filhos, actuais proprietários dêste velho estabelecimento, e seu pai Manuel da Cunha Machado, para solenizarem o 100.º ano da sua casa comercial distribuam pela V. O. T. de S. Domingos, Asilo de Santos Passos e Casa dos Pobres, para melhoria da refeição principal dêste dia dos seus entevados e beneficiados de ambos os sexos, a quantia de 200\$00 a cada. Além disso também distribuam pelos jornais locais *Comércio, Ressurgimento e Notícias de Guimarães*, e correspondente do *Primeiro de Janeiro*, a quantia de 50\$00 a cada, para distribuírem pelos pobres.

A' 10 horas da próxima segunda-feira na Basílica de S. Pedro rezar-se-á um terço de missas, com a assistência dos beneficiados, presidido pelo rev.º arcebispo Mgr. João António Ribeiro, em sufrágio das almas das pessoas de família que labutaram neste velho estabelecimento, que no dia 29 do corrente celebra o 1.º centenário na mão da mesma família.

Agradecemos a esmola que nos enviaram para os nossos pobres.

CONVITE Anti-marxismo

aos Soldados de Infantaria N.º 8 e Caçadores N.º 9

São convidados os soldados na situação de licenciados ou na disponibilidade, dados prontos da escola de recrutas em 1937 ou qualquer ano anterior, para irem servir na Colónia de Macau, nos termos do decreto 13.309, de 23 de Julho de 1929.

As declarações dos interessados devem ser entregues pelos próprios na secretarias daquelas unidades todos os dias uteis, até ao dia 20 do corrente mês.

Só são aceites declarações de praças que satisfaçam as seguintes condições: Terem a especialidade de apontadores e serventes de metralhadoras pesadas e de morteiros; terem mais de 20 anos de idade terem sido julgados aptos para o serviço nas Colónias, pela Junta Hospitalar de Inspeção, do H. M. R. N.º 1.º, terem bom comportamento militar, terem bom aspecto físico e que não tenham ainda servido nas Colónias.

São proferidas as praças que tenham os seguintes officios: pedreiros que tenham a prática de construção de cimento, trolhas, carpinteiros, serralheiros, eléctricos, montadores e mecânicos, e que tenham menor encargo de família.

São tomadas em consideração as declarações das praças que em Março

Fácil profecia

Não é preciso ser-se profeta para predizer modificações próximas na situação da U. R. S. S.

E' que os sovieticos não podem exigir ao povo mais sacrifícios. Falhados os famosos planos quinquenais, o entusiasmo pela «edificação socialista» desapareceu. E, agora, têm que adaptar-se às realidades, bem diferentes das miríficas promessas dos dirigentes vermelhos. E' preciso assegurar, pelo menos, o trabalho corrente e, nesse objectivo, encontram imensas dificuldades, pois a «depuração» administrativa atingiu tôdas as engrenagens: ninguém se atreve a assumir responsabilidades e a mais insignificante deliberação é submetida à sanção do Partido e até do próprio Estaline. Caíu-se, por isso, num burocratismo integral que paraliza a vida do país e constitui para o regime uma doença mortal.

findo se ofereceram para irem servir na Colónia de Timor, desde que declarem aceitar este convite, não necessitando de serem presentes a nova junta.

As despesas para serem presentes à junta são por conta dos interessados, bem como para Lisboa no caso de serem requisitados.

Carta de Lisboa Sugestiva estatística A' MARGEM

Três anos na pasta da Guerra

Num mundo, como o nosso, que se arma em ritmo cada vez mais rápido e mais forte época, como a nossa, em que o diplomata cede o passo ao general—e em que mais pode uma granada explodindo a tempo que todos os tratados de direito e tódas as razões da lógica; num mundo, como o nosso, numa época, como a nossa, a nação que descursasse o seu armamento, que não cuidasse do seu exército como dum órgão indispensável à sua própria existência, decerto acabaria, mais tarde ou mais cedo, por representar, no plano da política, o papel do cordeiro confiado entre os lobos da fábula—e, bocado para êste, bocado para aquê, inimigos reconciliados pela suculência do festim repartiariam alegremente a carne do imprudente animal.

Quando Salazar tomou conta da pasta da Guerra—alguns militares protestaram. Era um civil—afirmavam—e um civil não compreende, não pode compreender as necessidades, os imperativos do exército. Salazar era, realmente, um civil, mas era também um português—e logo o melhor dos portugueses. Por isso compreendeu as necessidades, os imperativos do exército—que se vai transformando para honra e segurança de nós todos.

Anuncia-se, já, por exemplo, uma grande parada de aviação—demonstrativa de que já se não pode invadir impunemente (ou quasi impunemente) os céus de Portugal.

Sempre tivemos aviadores—e magníficos. O aviador, porém, nada é e nada vale, por mais arrojado que seja, desde que lhe faltem as azas. E estas—temo-las agora.

Azas de Portugal—guardando os céus de Portugal para que a paz floresça e frutifique nas terras de Portugal.

O Raid a Pôrto-Seguro

Gago Coutinho lá comandou o «raid» da aviação brasileira a Pôrto-Seguro—onde em 1.500, fundearam as naus de Pedro Alvares Cabral.

E lembro-me, a propósito, de certa frase que li em tempos e ficou a vibrar na minha memória como seta no alvo:—só morrem as nações que deixam de produzir heróis.

De quem a frase—não sei. Não importa—de resto. O que importa é que na verdade só morrem as nações que deixam de produzir heróis. Por isso é eterna a juventude de Portugal—porque é inalterável o viço da sua seara de heróis.

Ainda mesmo quando os seus heróis são heróis de cabelos brancos—como Gago Coutinho.

Acalmia Internacional

Depois do discurso de Beck, sereno e firme, outros dois discursos igualmente firmes: o discurso de Lebrun—e o discurso de Daladier.

Fala-se, entretanto, de mediações. Consta que o Papa se ofereceu para mediano entre a catoliquíssima Polónia e a Alemanha de Rosenberg. Consta que o Japão também se ofereceu para mediano. O Papa—está bem. E permita Deus que seja fecunda a intervenção do seu Vigário na Terra! Quanto ao Japão—está mal!

Aos nipões, que pedem com tanta insistência a Asia para os asiáticos, respondamos que a Europa é dos eu-

Os números têm também poesia e dispensam na maioria dos casos as palavras de comentário. Quanto a nós, em vésperas do décimo terceiro aniversário da Revolução Nacional, vamos oferecer à sincera atenção dos leitores, a sugestiva nota estatística que segue, por exprimir e sintetizar o melhor elogio da extraordinária actividade desenvolvida pelo Estado Novo, durante o período relativamente curto da sua existência, segundo os mais rigorosos dados, que nos foram fornecidos pelo Secretário da Propaganda Nacional.

Começemos, ao acaso, pela energia eléctrica. Potência instalada em 1927: 134.256 kw; em 1937: 264.147 kw. A respectiva produção, que era na primeira referida data, de 187 milhões de kwh. subiu espantosamente, dez anos após, para 406 milhões. A diferença para mais no consumo, é também deveras notável, visto que de 159.000.000 de kwh. (1927), ascendem a 345.000.000, no ano de 1937.

No capítulo das obras públicas, os resultados estatísticos são outrosim impressionantes.

Vejamolo:

Estradas nacionais de 1.ª e 2.ª classe, construídas de 1927 a 1936:—1.476 quilómetros; grande reparação de estradas nacionais, efectuada no mesmo período:—5.210 quilómetros; quantia dispendida com a construção, grande reparação e conservação das mesmas estradas, pela respectiva Junta Autónoma, de 1928 a 1937:—um milhão e vinte e oito mil contos; quilómetros de estrada servidos por camionagem, em 1937: serviço de passageiros, 10.666; serviço de mercadorias, 2.623. Foram transportados em 1937, 13.642.836 passageiros, subindo a importação de gasolina de 27.411 toneladas, em 1927, para 73.757, em 1938.

Mais alguns números sobre postos, caminhos de ferro e restauração de monumentos nacionais, também respigados ao acaso, dos muitos capítulos estatísticos, em que se regista a actividade do Estado Novo:

Na rubrica «postos», as verbas dispendidas durante o período que decorre entre 1928 e 1937, elevam-se a 337.000 contos.

Com a construção de novas linhas de caminho de ferro e respectivos melhoramentos, as verbas gastas durante igual período, somam 273.000 contos.

Finalmente, consumiram-se já 11.500 contos, também dentro de igual espaço de tempo, em trabalhos de reparação dos monumentos considerados nacionais.

E assim por diante, em tódas as esferas de actividade pública, sempre surja uma única página da estatística, que não acuse progresso sensível, concreto, palpável, à face da limpidez e da irreputabilidade dos números, em tudo quanto se relacione com o bem-estar social e os superiores interesses da Nação.

A poucos dias do glorioso aniversário da «Revolução», mais uma vez nos inclinamos comovidamente perante o chefe—a quem se deve o prodígio de tão extraordinária ressurreição nacional.

M.

ropeus—e as suas questões só aos europeus dizem respeito; aos europeus—e àquêles povos que a Europa gerou noutros continentes, como, por exemplo, o grande povo brasileiro e o grande povo norte-americano.

Lisboa, Maio de 1939.

D. F.

Preço da assinatura

Anual	24\$00
Semestre	12\$00
Trimestre	6\$00
Avulso	\$50

Novidade Literária

Acaba de sair o 2.º volume da *História de Portugal* pelo P.º Luís Gonzaga de Azevedo, edição da revista *Brotéria*.

As correcções feitas à obra de Alexandre Herculano, as demoradas investigações pessoais realizadas nos principais arquivos do norte da Península, a segurança crítica com que o Autor foca os complicados problemas históricos dos primeiros séculos da nossa nacionalidade, teem chamado notavelmente a atenção e o aprêço dos especialistas.

E MUITO MAIS... dizem-se anti-democratas e liberais e atacam medidas porque a maioria (?) é contra elas—e dizem-se das «élites»!—dizem-se anti-individualistas e só fazem individualismo, só visam questões pessoais, melindres pessoais, que não interessam à colectividade e à sua vida. Atacam-se homens, não princípios. E assim todos os processos são justos—os processos que o Revirinho usou durante anos contra Salazar—desde a intriga à calúnia—«e se não foi agora, foi ontem, o ano passado, ou o seu pai, avó ou avoengo»—repelindo-se a fábula do lobo e do cordeiro.



É A MENTIRA da civilização moderna. Assim a intitulou o nosso colega *Novidades*, em artigo de fundo de há dias, e onde fomos buscar as notas que se seguem, completando êste nosso «à margem».

A atmosfera de improbidade, de egoísta dureza e de violência, que envenena as relações internacionais, reflecte, infelizmente, a ambiência social que se respira na maior parte das sociedades, dominadas por um conceito materialista da vida.



«EM CONTACTO COM O MEIO o homem insensivelmente procura adquirir as qualidades ou os vícios que podem dar-lhe mais aprêço, ou augurar-lhe mais fácil triunfo.

Bem está, quando o triunfo exige aptidões sérias e virtudes comprovadas, mas muito mal, quando o meio, já decaído e infeccionado, permite substituir as aptidões por simples audácias, e aos vícios ter maior valimento do que as virtudes.»

«A actual hierarquia dos valores éticos e sociais chega a basear-se na ficção mais perfeita. Triunfam os que se armam de cinismo e audácia.»

«Cada qual reclama os seus direitos e se revolta contra a menor restrição imposta pela lei ou pelo costume aos seus caprichos. Todo o mundo trata de fugir à coacção duma disciplina e de sacudir o jugo do dever.»



TODA A AÇÃO A DESENVOLVER nestes tempos de doutrinação se resume numa palavra só—educar—que nem é uma composição de seis letras ou três sílabas mas um programa completo, um plano perfeito para nele basearmos tódas as nossas actividades. Se há crise é de educação. Renegamos Cristo da Escola, do Lar, da Sociedade. Bem dizia o Mestre Poeta de Belinho: «Ensinar, eis a maior esmola, enquanto, na Escola, houver, verbos sem Verbo e contas sem Rosário...» Regressou Cristo às Escolas, preparando uma sociedade futura melhor... mas hoje como o nosso meio de hoje?

Lêde e propagai

“Ressurgimento”

DA MOCIDADE

MARTIM MONIZ ANTI-MARXISMO

Fôlha de doutrina para "Infantes" e "Vanguardistas"

Justamente agora estão a fazer-se, em Lisboa, grandes obras no Castelo de S. Jorge. Este é o antigo coração da cidade, situado num dos pontos mais altos, de onde se domina o rio Tejo e a parte mais importante da capital, abrangendo um panorama dos mais formosos do nosso país.

Há talvez, noutras cidades, castelos mais belos pelo desenho das suas torres e muralhas; o Castelo de S. Jorge em Lisboa tem porém um significado especial, pois foi conquistando-o que Afonso Henriques firmou a conquista da Capital do Reino, dando um enorme passo para a grandeza de Portugal.

As obras que se estão a fazer são sobretudo para que o Castelo recupere a sua forma e a sua beleza; — durante 8 séculos fizeram-se numerosas construções, umas contra as sólidas muralhas do monumento, outras até sobre essas muralhas. Vão ser demolidas essas construções para que ressurja o castelo e toda Lisboa, e os portugueses e estrangeiros que a visitarem por ocasião do duplo centenário da nossa independência, possam admirar nas suas linhas verdadeiras esse belo padrão da nossa História.

Entre os pontos característicos do castelo, um chama as nossas atenções, um deve ser para todos lugar de peregrinação e respeito: — a porta de Martim Moniz. É o local de um grande feito de heroicidade, que todos devemos recordar e estudar, — não talvez porque seja brilhante a sua glória, mas porque esta tem um cunho especial: — o espírito de sacrifício.

Como devem saber, a conquista foi muito difícil, defendendo-se os moiros com bravura; num dado momento, estes iam fechar a grossa e possante porta, o que facilitava a seguir, que

do alto das muralhas repelisses os portugueses. Martim Moniz não tinha outro recurso ao seu alcance, mas tinha o seu corpo, a sua vida. E não hesitou. Atirou-se ao chão, entalando o corpo entre as duas meias portas, para que os seus camaradas pudessem passar por cima d'ele, e para que os moiros não realizassem o seu intento.

Não sei se vocês calculam bem o que representa este gesto, que se diz em tam poucas palavras e foi vivido em tam curtos momentos. Sim. Foi no espaço de poucos segundos que Martim Moniz pôde pensar e levar a cabo o seu heróico sacrifício. Não teve tempo para combinar planos, para estudar soluções. Teve só tempo para pensar: — se os inimigos fecharem esta porta, os meus camaradas são mortos e não alcançam a vitória. Atiro-me para o chão, sou morto, sou espèinhado, mas a porta não se fecha, — e os meus camaradas vencem.

E' nisso, nesse pensamento que leva mais tempo a escrever do que levou a formular-se e a efectivar-se, — é nisso que está a grandeza de Martim Moniz. Todos nós temos a obrigação de nos sacrificar pela nossa Pátria, dando-lhe se tanto fôr preciso a nossa vida e o nosso sangue, e fazendo-o com alegria, com decisão, e aceitando o sacrifício como homens em vez de fugir a êle como cobardes.

Quando, um dia, visitarem o Castelo de S. Jorge, parem um momento junto daquela porta. E dêem um minuto de evocação à generosa alma do português que morreu sobre aquelas pedras, espèinhado por inimigos e camaradas, — para que a bandeira de Portugal tremulasse ao vento, mais forte, mais gloriosa, e aureolada pela vitória.

APONTAMENTOS . . .

A mocidade portuguesa tem uma alta finalidade que os seus associados nunca perderão de vista.

E' uma escola onde melhoram, por bem orientados exercícios, as suas aptidões físicas — *corpore sano* —, e onde adexam o espírito, educam a vontade e fortalecem a alma — *mens sana* — ao contacto, pelo estudo, dos males e dos remédios do nosso tempo, preparando-se, assim, para a grande batalha em que hão de pelejar victoriosamente, na defesa da Bandeira que tem inscritas as sagradas palavras da Sala do Risco — o Evangelho político da Nação Portuguesa, segundo Salazar, como já escrevi.

Não é suficiente, contudo, que os soldados da vanguarda possam, queiram e saibam combater.

E' muito, mas não é tudo.

E' preciso também que conheçam, o melhor possível, o adversário: as suas qualidades, os seus defeitos, as suas armas.

Mais: é preciso que conheçam a posição do inimigo e o meio em que a acção se desenvolve.

Quando Napoleão preparou a campanha da Rússia, o seu génio militar anteviu tôdas as eventualidades; mas a fuga sistemática do inimigo para o interior, precedida de uma devastação formal de tudo quanto pudesse aproveitar ao exército invasor, e, ao mesmo tempo, os rigores do inverno russo, para o qual as tropas ocidentais não estavam preparadas, transformaram essa avançada facilmente victoriosa, de que o côrso esperava decisivos resultados, num grande desastre.

E' indispensável conhecer o meio em que se trava a luta.

E não é tudo.

Escreveu Camões que

... Também entre os portugueses,
traidores houve algumas vezes.

E' verdade. Os Lusitanos só pela traição puderam ser vencidos.

Viriato e Sertório caíram assassinados pelos seus. A raça dos traidores não acabou.

Cresceu e até parece que se multiplicou.

(Continua na página seguinte)

Uma Escola de Guerra Civil

Em Turku, na Finlândia, estão a ser julgados 18 comunistas. Durante o processo, tem-se falado por várias vezes na Escola Lenine, de Moscovo, cujo curso é bienal e serve para ministrar instrução aos agentes dirigentes comunistas dos diversos países. Foi construído propositadamente um edifício de quatro andares para nêle se instalar esta escola. Está dividida em secções, segundo a língua dos alunos, entre os quais, além de europeus, se contam chineses, japoneses, negros, etc.

Os professores da secção finlandesa são comunistas finlandeses bem conhecidos. Guarda-se o maior sigillio quer sobre o nome dos professores quer sobre o dos alunos. O segredo é ali, também, a alma do negócio... E não é mau o negócio que consiste em preparar indivíduos que, depois, tratarão de fazer, quasi o impossível para que os respectivos países se transformem em colónias soviéticas.

Entre as disciplinas, merecem atenção especial a história do partido comunista russo e dos outros países a economia política, o leninismo, a técnica do partido, a acção organizadora, a doutrina sindical, etc. Como é natural, a que mais preocupa os dirigentes desta escola é a aula de técnica da guerra civil, onde os alunos aprendem, por exemplo, o manejo das armas de fogo e o lançamento de bombas.

Entretanto, os russos continuam a afirmar, alto e bom som, o seu amor à paz...

* * *

Movimento Anti-estaliniano

Iselev, secretário do Partido comunista da Rússia branca, foi recentemente a Moscovo. A razão desta visita a Estaline é simples: é que, naqnela região, os movimentos contra o "chefe genial" e o seu despotismo aumentam a olhos vistos. Segundo declarações de Iselev, 42 % dos funcionários dirigentes do Partido fôram "depurados", por manifesta hostilidade contra o governo.

Esta situação, que é bem um reflexo do malôgro do comunismo na sua própria pátria (e ainda há quem o suponha bom para exportação...) foi longamente discutida no Kremlin, no decorrer de várias reuniões.

Em consequência destas diligências, parece que vão realizar-se na Rússia branca importantes movimentos de funcionários.

Quere dizer: aquêles em quem o "pai amado" deposita mais confiança são os primeiros a atraioá-lo. Aquêles que todos consideram corifeus do comunismo marcham na vanguarda dos que apontam os seus êrros e os seus crimes!

* * *

O suicídio como protesto contra o despotismo vermelho

Tôda a gente sabe que a actividade dos "sem Deus" na U. R. S. S. pouco mais conseguiu até hoje do que pro-

vocar um movimento contrário, afirmando a crença de milhões de russos que, sem poderem afirmar à luz do dia o sua fé, o fazem, porém, em caticumbas, como os primeiros cristãos.

E não se suponha que são só os que seguem Cristo e a sua doutrina os revoltados contra Moscovo. Há na U. R. S. S. várias seitas religiosas, cujos adeptos continuam a realizar as suas reuniões, protestando contra o governo de Estaline que consideram um governo pagão. Estes sectários desenvolvem, entre os camponeses, uma activa propaganda anti-bolchevista, exortando-os a não obedecerem às ordens emanadas de Moscovo. E, como entendem que não devem empregar armas contra o "inimigo vermelho", os fiéis de algumas destas seitas recorrem ao suicídio como meio de proclamarem o seu ódio ao comunismo.

Segundo informa o *Bezboznik*, na república Udmutskaia e sobretudo nas localidades de Isevsk e de Sarapul, foram descobertas várias caticumbas e, nelas, os corpos de muitos dèsses fanáticos, cuja morte é, assim, mais um grito de repulsa contra o "czar" vermelho.

* * *

Campanha anti-religiosa na U. R. S. S.

A imprensa anti-religiosa soviética, baseando-se em vélhas estatísticas elaboradas pelo governo czarista, reconhece que na Rússia imperial o número dos sacerdotes era, aproximadamente, de trezentos mil. Ao mesmo tempo, porém, os jornais afirmam que, presentemente, a "classe dos padres" não existe na U. R. S. S. Ora, como não é lógico que êsses trezentos mil sacerdotes tenham morrido todos de morte natural, no curto período de 21 anos, temos de concluir que a "destruição do clero reaccionário", preconizada por Estaline num discurso que dirigiu em 1935 a uma delegação de operários estrangeiros, tem sido realizada sistematicamente. Os elementos de prova, no entanto, não abundam, pois guarda-se o maior segredo àcerca da situação dos sacerdotes.

Sabe-se, porém, por exemplo, que nos campos de concentração morreram inúmeros representantes do clero ortodoxo, como o bispo de Arkangel. Em 1932, faleceram igualmente o arcebispo Fêdor de Rostoff, o arcebispo Alexandre de Jekaterinoslov e o pastor alemão Erwin Gross. E sabe-se, ainda, que morreram, vítimas das torturas que lhes foram infligidas, o arcebispo Germogeno de Saratoff e o bispo Isidoro de Viatka.

Mas, repetimos, isto não é mais do que um ou outro caso isolado. O trágico destino de grande parte, pelo menos, daqueles trezentos mil sacerdotes continua por averiguar. Ou, mais exactamente: por cofirmar, pois não há dúvida que êles foram aumentar o número dos muitos milhões de vítimas do comunismo.

PROBLEMAS MUNICIPAIS A' margem

A Questão da luz

Completando o estudo que temos vindo a fazer sobre a questão da luz, damos a palavra ao Ex.^{mo} Sr. Capitão Magalhães e Couto publicando a conclusão do seu «estudo da proposta apresentada pela firma Bernadino Jordão, Filhos & Companhia ao Ex.^{mo} Sr. Governador Civil, para concessão dos serviços Eléctricos no concelho de Guimarães» — que ia ser apresentado à Câmara Municipal de Guimarães.

Analise agora a proposta sob o ponto de vista da energia fornecida a particulares:

Os preços oferecidos variam de \$45 a \$60 por unidade para força motriz, e, para luz, conforme o consumo variarão de 1\$20 a \$90 até 40 Kwh, sendo o consumo além deste limite debitado a \$80.

Certamente que a grande maioria dos consumidores não ultrapassará o limite de 40 Kwh pelo que o preço de \$80 só está reservado aos grandes consumidores industriais ou comerciantes e aos ricos.

A adopção de um preço médio impõe-se, porque é a forma de beneficiar os pequenos e médios consumidores que são mais numerosos e mais necessitados de protecção de que aquêles que virão a consumir grande número de Kilowats.

Para estes últimos, se as circunstâncias o indicarem, nada impede que se faça em contratos a estabelecer, preços especiais.

O mesmo preço de \$80 é fixado para as Casas de caridade. Provavelmente, no regimen de municipalização dos Serviços Eléctricos, terão essas casas preços muito mais baratos porque — como já acontece com o fornecimento de água — talvez venham a receber a energia para luz inteiramente gratuita.

Desta rápida análise resulta que, na zona ex-concessionada, os preços oferecidos na proposta trazem para a luz particular, não acautelam com justiça os interesses do maior número.

Eu entendo que a respeito de tarifas a Câmara tem obrigação moral de restabelecer, logo que lhe seja possível, os preços que vigoravam quando da rescisão do contrato com a Firma Bernadino Jordão, Filhos & C.^a Limitada, em fins de 1937.

Nos calculos até agora feitos para a municipalização dos Serviços Eléctricos procurou-se cercar essa municipalização de todas as garantias, para o que propositadamente se partiu de bases que estão muito à quem das possibilidades actuais.

Adoptando para preço da luz particular o mesmo que vigorava no momento de rescisão do contrato, isto é, 1 Kwh, 1\$00; para luz pública o preço que a proposta oferece: 1 Kwh, \$45; e para força motriz a média entre \$45 e \$60, ou seja, 1 Kwh, \$52,5 e notando que o consumo actual de energia na zona ex-concessionada é, de harmonia com a estatística de 1937 e como o afirma o Sr. Bernadino Jordão, no seu comunicado inserto no «Notícias» de 31 de Outubro de 1938:

Na luz pública, 116.831 Kwhs; na luz particular, 259.821 Kwhs; na força motriz, 525.422.

Entrando com esses elementos nos quadros XII e XIV da Actualização do Relatório Técnico e Financeiro, obtem-se os seguintes resultados:

QUADRO XII

Receitas previstas para o 1.º ano da municipalização

Iluminação particular:	
259.821 Kwhs a 1\$00	259.821\$00
Iluminação pública:	
116.831 Kwhs com perdas a cargo da Câmara; 137.448 Kwhs a \$45	61.851\$60
Fôrça motriz: 525.422 Kwhs a \$52,5	275.846\$55
Aluguer dos contadores:	
1.980 × 1\$00 × 12	23.760\$00
60 × 3\$50 × 12	2.520\$00
Total	623.799\$15

QUADRO XIV

Encargos resultantes da mobilização de capital e despesas de exploração no 1.º ano de municipalização.

Encargo anual do 805 contos a juro de 5 % e 15 anos de amortização	78.000\$00
Despesas de administração e pessoal	70.000\$00
Despesas de conservação e reparação	75.600\$00
Compra de (259.821 + 116.831 + 525.422) 902.074 com 15 % de perdas = 1.062.000 Kwh a \$30	318.600\$00
Total	542.200\$00

Comparando os dois resultados encontramos a diferença de 623.799\$15 — 542.200\$00 = 81.599\$15

Na força motriz os preços adoptados serão os de \$45 a \$60 e pode afirmar-se sem receio que, da aplicação desses preços, há-de resultar média superior a \$52,5, pelo que o saldo acima encontrado há-de ser de bem mais amplas proporções.

Quere isto dizer que a Câmara pode, desde já, adoptar os preços que vigoravam ao tempo da rescisão do contrato — cumprindo a obrigação moral de os restabelecer — e ainda ficar para si com um largo saldo que lhe permitirá anular inteiramente a despesa da luz pública.

Para o cálculo da despesa nesse serviço partiu-se da base que a estatística de 1937 indica para o consumo de energia, 116.831 kilowats.

Subindo esse consumo, porém, para 176.400 kilowats como é de prever pelo gasto de energia nas lâmpadas em uso, então a Câmara teria de pagar aos serviços municipalizados êsses 176.400 kilowats acrescidos das perdas, o que elevaria este número a 207.529 cujo custo a \$45 por unidade seria de 93.388\$05.

Como é fácil de ver os totais dos quadros XII e XIV seriam diferentes, mas o resultado final, saldo desses dois totais, não viria senão confirmar o que já acima dissemos:

Municipalizando os e adoptando as

tarifas que vigoravam no momento da rescisão do contrato, a Câmara presta um grande serviço ao público baixando os preços e pode eliminar das suas despesas o custo da luz pública.

Temos assim que, para a cidade de Guimarães, a proposta apresentada ainda não oferece vantagens sobre a municipalização dos serviços.

* * *

E para as freguesias rurais?

Promete-se na proposta construir as rês de alta tensão para as diferentes freguesias «que distem das nossas linhas actuais de alta tensão 2.000 metros».

Não se diz quais são essas linhas, onde começam, por onde passam e onde acabam, sendo por isso impossível, sem esses elementos, avaliar da extensão das vantagens oferecidas.

O que não há dúvida, porém, é que estas só poderão ser aproveitadas por algumas freguesias — quais, não se sabe — devendo as outras garantir com um mínimo do anual os encargos da montagem das referidas linhas e cabines além de 2.000 metros.

Tudo isto como se vê é muito vago, muito impreciso.

Não se sabe o que seja nem até onde irá o tal mínimo de encargos, mas é evidente que a promessa de manter para as freguesias rurais os mesmos preços da cidade ficará completamente prejudicada com o estabelecimento desses mínimos.

Praticamente tanto vale impor a uma freguesia um mínimo de consumo como mudar-lhe as tarifas.

A's freguesias rurais caberá, pela proposta, a obrigação de suportarem todo o pêso do custo das instalações de baixa tensão.

Não diz a proposta quem repara e conserva as rês de baixa, o que a exigir-se ás freguesias será mais um motivo de alteração de preços.

Todos sabemos que em regime de municipalização o Estado comparticipa nas despesas eléctricas, digo nas despesas de electrificação, especialmente das zonas rurais, e tal facto muito simplifica a resolução desse problema.

E' mais sob o ponto de vista da electrificação da parte rural do concelho que Câmara encara a municipalização dos serviços eléctricos.

Temos de pensar que na zona citadina apenas vivem uns dez ou doze mil habitantes enquanto que no resto do concelho anseiam pelas vantagens e comodidades que a electricidade oferece, mais de 50.000.

O Estado Novo tem, dentro da política das suas realizações, a electrificação geral do País. Embaraçar por qualquer forma tal finalidade é sem dúvida contrariar a política do Estado Novo que todos quantos detêm nas suas mãos uma parcela do poder têm obrigação de ajudar.

Temos de contar com a nula tendência associativa do nosso povo e de adoptar neste problema a solução que não afaste de sobre as freguesias as atenções do Estado e da Câmara.

Se a electrificação das freguesias rurais atribuir-nos uma despesa média de 20 contos serão necessários para electrificar as nossas 68 freguesias (contámo-las todas porque não obs-

(Continua na 8.ª página)

INSUFLADA PELO ARDOR NACIONALISTA que a Ordem Nova despertou na alma lusitana, a Legião Portuguesa prossegue, sem desfalecimentos nem tibiezas, no cumprimento da sua missão.

Se a preparação militar constitue o objectivo immediato da Legião Portuguesa, êste organismo contribue no entanto, pela disciplina que estabelece, pelo sacrificio das comodidades a que obriga, pelo convívio de pessoas, das mais diferentes categorias sociais, ligadas entre si por laços ideológicos, que proporciona, contribue, na verdade, a para preparação duma comunidade, corajosa e solidária, destemida e firme, na defesa dos princípios do Estado Novo.

A sua influência na preparação da mentalidade nova é do mais alto relevo.

Não lhe regateemos pois, o nosso franco e decisivo concurso.

Apontamentos...

(Continuação da página anterior)

Como o traidor, em geral, apenas se descobre quando executa o seu plano, isto é, quando já é tarde para lhe impedir a acção, os filiados da M. P. devem exercer um constante esforço de vigilância.

E' da mais elementar prudência que cada um de nós se lembre de que pode ser atraído e em tudo proceda admitindo essa possibilidade.

Custa muito ser traído!

Quais serão os meios de que a gente — ou o Estado Novo, por exemplo — se pode valer, para prevenir ou limitar os efeitos de uma traição?

Em primeiro lugar, eu devo dizer-vos que a traição é um acto que tem preço.

Apesar de vivermos na era dos safados, ninguém atraiçoa por desporto. A traição é repelente. Tem preço, como outras actividades miseráveis.

O traidor obedece a uma ideia de interesse. Desde o exemplo clássico de Judas, que Dante colocou nos melhores aposentos do nosso círculo do seu Inferno, até aos casos dos nossos dias, quem se der ao cuidado de analisar a traição, encontrará sempre, como finalidade, ou determinante, um interesse, uma conveniência.

Umavez é o interesse material: Judas beijou o Senhor depois de receber os 30 dinheiros; o marinheiro russo que entregou aos japoneses o plano da defesa naval de Porto Artur, condenando à derrota e à morte os seus compatriotas, exigiu uma cifra fabulosa como preço da sua revoltante felonía.

Outras vezes, o interesse não é material: traduz-se numa ascensão, num penacho, na satisfação de uma vaidade, de uma ambição — quasi sempre a ambição do mando, «a vã glória de mandar!» — inseparável da alma de todos os mediocres, de todos os pretenciosos, de todos os parvos.

VANGUARDISTA.

REUNIÃO

A convite do Presidente da Câmara Municipal, reuniram-se o Conselho Municipal e as Comissões das Festas Centenárias sendo tratados assuntos que se prendem com a vida do município e as festas centenárias.

DO CONCELHO

S. Torcato

Brilhante Festa Escolar

No passado domingo realizou-se nesta localidade uma brilhante festa escolar, a ue assistiram todos os professores e alunos das nossas escolas e muito povo não só desta freguesia, mas também das circunvizinhas.

Às 8,30 da manhã houve, na Igreja Paroquial missa especialmente celebrada para as crianças das escolas pelo rev.^{mo} sr. dr. Adão Salgado Vaz de Faria, dig.^{mo} Vice-Reitor dos Seminários de Braga.

Ao *communio* o rev.^{mo} celebrante fez uma exortação às crianças e em seguida ministrou a Sagrada comunhão a mais de 200 crianças e a muitas outras pessoas.

No final da missa organizou-se um cortejo que, saindo da Igreja Paroquial se dirigiu para o edifício Escolar, entoando as crianças, durante o percurso, acompanhadas pela banda de música das Taipas que abrilhantou a solenidade, várias canções que subiam pelo espaço como o trinado de avezinhas.

Atrás das crianças que iam formadas em duas grandes alas, grande número de pessoas acompanhavam este encantador cortejo.

Em chegando ao edifício Escolar que estava deliciosamente adornado com o fino gosto da distinta professora sr.^a D. Branca-Flor da Cruz Pires, uma nuvem policrómica de flores aromáticas se desprende de açafates por mãos de encantadoras meninas e voou pelos ares, vindo depois atapetar caprichosamente o chão.

O cortejo entrou no edifício Escolar pela porta principal da secção feminina, demorou-se levemente no segundo lugar daquela secção entre vivas e cânticos e passou depois para o segundo lugar masculino onde se realizou uma significativa sessão solene.

Se a festa na Igreja tinha sido edificante, a sessão efectuada na escola foi encantadora.

Presidiu o rev.^{mo} sr. dr. Adão Salgado Vaz de Faria, ladeado pelos srs. padre Henrique José Gonçalves Pereira, Francisco Ribeiro de Faria, professor João Roberto Teixeira de Sepúlveda e António Fernandes Ribeiro, respectivamente pároco, presidente da

Junta, juiz de paz e regedor e pela sr.^a D. Elisa Ribeiro Marques, professora da referida escola,

Ao abrir a sessão o presidente disse que se sentia sensibilizado diante duma tam numerosa assistência e deu a palavra ao professor sr. António Henriques Ribeiro da Cunha, tendo-se referido antecipadamente às suas qualidades de trabalho que todos conheciam sobejamente.

Então o professor sr. Ribeiro da Cunha fez um eloqüente discurso que foi largamente aplaudido e entercotado de salvas prolongadas de palmas.

No final o sr. dr. Adão felicitou a numerosa assistência e a freguesia pelo discurso cheio de doutrina substanciosa que tinha ouvido e deu por encerrada a sessão agradecendo ao sr. Ribeiro da Cunha todo o seu esforço em organizar uma tam significativ festa que por certo ficará para sempre na lembrança de todos os presentes.

Durante o cortejo estrelejam no espaço muitos foguetes.

Realizou-se no domingo a romaria pequena de S. Torcato

Passou ontem mais um aniversário do aparecimento do nosso miraculoso patrono. Por isso foi grande o número de pessoas que ocorreu à chamada «Fonte do Santo, em piedosa romagem e a buscar água da fonte que miraculosamente brutou da terra no mesmo dia em que o corfo incorrupto de S. Torcato foi encontrado.

Na forma dos anos anteriores realizou-se, no domingo, comemorando tal aparecimento, a tradicional «Romaria Pequena». A Mesa da Irmandade respectiva empenhada em fazer executar da melhor forma possível os mesmos números do programa dos demais anos e tudo levou a crer que ela este ano não desmereceu em nada as dos anos anteriores.

Além da costumada missa solene nesse dia, na Igreja Paroquial, houve uma outra, de manhã, a hora acessível para os piedosos romeiros.

Festa do Senhor

Na forma dos anos anteriores realiza-se na próxima quinta-feira a «Festa do Senhor» que constará de missa cantada, sermão e procissão.

Festa em honra de Nossa Senhora do Rosário

No passado domingo realizou-se nesta freguesia, na forma dos anos anteriores, uma festa em honra de Nossa Senhora do Rosário.

A's 11,30 houve missa cantada com grande instrumental e sermão pelo talentoso orador rev.^{mo} sr. dr. Adão Salgado Vaz de Faria, dig.^{mo} Vice-Reitor do Seminário de Braga.

No final da missa festiva efectuou-se uma majestosa procissão em que se incorporaram várias confrarias, muito povo e numerosos «anjinhos» e dois andores com as imagens de Nossa Senhora do Rosário e S. Sebastião.

Durante toda a tarde efectuou-se um bazar de prendas que foi muito concorrido.

Na véspera à noite queimou-se fogo de artifício.

Abrihantou as solenidades a banda de música das Caldas das Taipas, que agradeceu. — C.

Briteiros

Citânia

Recomeçaram os trabalhos de restauro e limpeza da Citânia de Briteiros sob a Direcção dos Edifícios e Monumentos Nacionais, o que veio em parte debelar a grande crise de emprêgo existente nesta terra.

Melhoramento

Está quasi terminado o corte e vedações da estrada que serve Santa Leocádia de Briteiros desde o Outeiro até a Igreja da mesma freguesia. Este melhoramento deve-se à grande benemerita daquela freguesia sr.^a D. Alexandrina Moreira Marques.

Oxalá que o exemplo desta ilustre senhora tivesse sequâses.

Partida

Para Braga partiu com sua ex.^{ma} esposa o sr. Manuel da Costa Marques Guimarães, da Quinta do Supaço da freguesia de Santa Leocádia de Briteiros.

— De passagem vimos aqui Sua Ex.^a Sr. Dr. João Antunes Guimarães, gran-

de proprietário desta freguesia e deputado à Assembleia Nacional. — C.

Campelos

Escutismo

Por motivo do seu 2.º aniversário esteve em festa no passado domingo o grupo de escutas 132.

No sábado à noite fizeram a sua «velada de armas» na paroquial de S. João de Ponte.

No domingo às 8 e meia foi hasteada com a maior solenidade a Bandeira Nacional na fachada da sede. Os bravos rapazes sabem bem que a Bandeira é o símbolo da Pátria. Depois de Deus ela é digna do nosso amor, do nosso sacrifício e até da nossa vida se necessário fôr.

Depois de prestadas as honras devidas à Pátria foram prestar culto a Deus recebendo-O na Sagrada Comunhão. Acto sublime este! Como êle serve de exemplo para êsses festeiros que só se servem do nome dos santos para a pagodeira, transformando as festas de piedade, para afervorar o povo na fé, em reuniões pagãs, que servem para levar muita alma ao Inferno.

Não são assim os rapazes escutas. De tarde houve uma sessão solene a que presidiu o rev. sr. padre Freitas Leite.

Foi condecorada com a medalha de agradecimento 2.ª classe a madrinha do Grupo a ex.^{ma} sr.^a D. Raquel Baptista de Sousa, oferecida pelos rapazes, em reconhecimento do muito que elle tem feito.

Abriu a sessão o ex.^{mo} sr. dr. José Francisco dos Santos, digno Comissário do Núcleo e discursaram brilhantemente os escutas Armindo de Oliveira, João da Cunha e o Isildo encerrando a sessão com um eloqüente discurso, em que manifestou bem os seus conhecimentos escutistas o rev. Presidente. No final dirigindo-se todos à capela de S. José ali receberam a Bênção do SS. Sacramento e em grande saüdação arrearam a Bandeira Nacional, terminando de entusiásticos *arraiais* que agradeceu ao mundo e a Deus. O rev. Pároco e assistente do Grupo não pode assistir, por falta de saúde o que sinceramente lamentamos.

Um Centenário Comercial

Aos 29 de Maio de 1839, um modesto caixeiro da antiga casa Baptista do Toural, oriundo de Vermoim e filho de pais humildes, tomou sobre seus ombros a direcção da casa que hoje soleniza o seu Centenário, sempre na mesma família, e que já provinha de outras firmas passadas e que pela morte do seu último chefe sem descendência fôra vendida em haste pública.

Os seus actuais proprietários querendo dar realce a este centenário na sua própria família e avivar a memória do seu bisavô Joaquim José de Azevedo Machado, realçam também a longevidade do seu estabelecimento comercial ainda portador duma indústria manual e caseira, fabricação de velas de cera, que ainda subsiste como

única no concelho de Guimarães, sendo uma das diversas e raras indústrias caseiras vimaranenses ainda existente.

Apesar da simplicidade do seu viver exerceu naquele tempo o lugar de correspondente dos Bancos de Portugal e Aliança, de casas bancárias brasileiras, além do comércio de exportação para o Brazil de doçaria, encerrada em caixas exteriormente forradas de fio de linha, trabalho hoje extinto, mas muito apreciado em épocas passadas, e, já quasi no termo da sua vida, cansado e doente, ainda concorrera para a fundação do extinto Banco Comercial de Guimarães, do qual fôra um dos seus primeiros directores, lugar que ocupou até à morte.

E' justo que nesta piedosa comemoração não esqueçamos a pessoa que o ajudou no seu primeiro ano de negociante a levantar a sua casa e que nesses primeiros meses chegou a fa-

zer parte da sociedade e primeira firma desta casa Fernandes & Azevedo, Custódio José Fernandes Guimarães.

Ainda em vida e já como director do Banco Comercial de Guimarães, e depois de ter estado à frente do seu estabelecimento durante 30 anos, trespassou o mesmo a seu genro Joaquim António da Cunha Guimarães, que vindo da então pequena aldeia de S. Jorge de Sêlhos e filho de pequenos fabricantes de tecidos, desde a tenra idade de 11 anos, labutou na dura e árdua vida comercial dêsse tempo.

Foi o continuador da sua obra que honradamente legou intacta à sua família, tendo desempenhado também o lugar de correspondente dos Bancos de Portugal e Crédito.

Pela sua morte permatura depois de 26 anos cheios de trabalhos e cansaças, tomou a chefia desta casa a sua

viúva, minha mãe, que como viúva de Joaquim António da Cunha Guimarães, assim prosseguiu durante 4 anos, após os quais seu filho, signatário destas ligeiras linhas, tomou conta da direcção desta casa, e, embora sem brilho mas com honestidade, após 33 anos de trabalhos pode trespassar este velho estabelecimento a seus filhos actuais proprietários, os quais olhando para o passado deverão seguir as mesmas pisadas para assim o poderem legar aos seus descendentes afim de que estes num futuro ainda longínquo possam igualmente celebrar o então duplo centenário na mesma família.

Guimarães, Maio de 1939.

MANUEL DA CUNHA MACHADO.

Lêde e propagai
«Ressurgimento»

NOVA BABEL.....

Salão fantástico de recortes caprichosos — serras altas, fundos vales, planícies e planaltos, ilhas, etc. — a Terra. Gente muita gente... máscaras de riso e de dôr, de idiotice e inteligência; a maior parte — uma massa confusa — exteriorisa uma inconsciência total.

As vozes, apesar de terem acabado de ser pronunciadas, chegam já sem sonoridades alguma — monótonas...

UM FRANCÊS

Regosijamo-nos com as palavras de Herriot ao Santo Padre, no senado francês...

UM PORTUGUÊS

Sim, mas não deixa esse mesmo senhor de, pouco antes, ser o presidente honorário do Congresso dos sem-Deus, em Londres... onde a Rússia envia «mensagens» e «relatórios», mas se abstem (?) de enviar delegados!

—«E' na Rússia onde reina a mais completa liberdade religiosa» (?) disse-o Javoslavsky, chefe da internacional dos sem-Deus.

—«... graças à protecção do govêrno (?), celebram-se mais de 2.000 missas aos domingos (?)», assim fala o delegado, ao congresso, da Espanha Vermelha...

UM FRANCÊS

Regosijamo-nos com as palavras do Presidente Roosevelt, sua fé em Deus e na nossa civilização cristã...

UM PORTUGUÊS

Sim, mas as perseguições e martírios dos católicos do México nunca encontraram o menor gesto de socorro ou palavras de conforto; mas, quando o México nacionaliza os poços de petróleo, não acontece a mesma cousa.

Humanidades, petróleos...

UM FRANCÊS

Hoje é o baluarte da nossa civilização...

UM PORTUGUÊS

Sim?... mas então também o ex-govêrno de Barcelona o era. E' bem conhecida a vontade, de, a todo o custo, Roosevelt o querer ajudar!

UM FRANCÊS

Regosijamo-nos com a coragem moral e lealdade do jornal francês *La Croix*. Publica um artigo defendendo o govêrno legal (?) vermelho condenando o govêrno do generalíssimo Franco. O órgão de imprensa do Vaticano censura-o; *La Croix*, retrata-se...

UM PORTUGUES

Sim... mas enquanto que o primeiro artigo vem na primeira página, a transcrição da censura e o «mea culpa» vem numa espécie de suplemento interior, que só é distribuído em Paris... a maioria dos seus leitores fica desconhecendo o facto — pior a emenda...

UM JUDEU

Ressuscitamos Babel. A confusão é o nosso meio de vida — conseguimos os nossos fins. O predomínio

da *Nossa Raça* está próximo, o nosso capital virá acumulado com grossos juros...

UMA VOZ:

... e jámais o teu reino será reconstruído!

UM JUDEU

Persegues-me e conheces-me, mas eu saberei «camuflar-me» enganando os outros. Sim, já não existe em mim nem humanidade nem sinceridade. Eu sou o ódio — odiar, eis a minha missão — a hipocrisia, que acumulei em séculos, é a minha máscara...

A MESMA VOZ, VINHA DOS SÉCULOS:

... e a verdade, mais tarde ou mais cedo, pairará sôbre a terra.

UM JUDEU

Não, não creio — ou sou a mentira — descrente de tudo, até de mim... sonhei uma Babel e realizei-a! Os lucros só são meus.

Comunismo... «mão estendida» aos católicos... palavras evangélicas... os meus meios! Os meus lucros. Os lucros...

UM ALEMÃO

Dois biliões de multa, por conta do que roubaste e do que contas roubar.

UM JUDEU

Perdas que equilibrarei, com juros, por outro lado!

Odeio tudo... só amo o bezerro de ouro!

Já não creio em Deus nem no Povo Eleito... mas a minha hipocrisia serve-se dessas tábuas para conseguir o meu fim. Quem hoje sou? — o comunismo ateu...

UM ARABE

A Palestina é nossa. Guerra Santa ao invasor!

UM ÉCO

Deus escreve direito por linhas tortas.

UMA VOZ, VINDA DOS SÉCULOS

... e jámais o teu reino será reconstruído.

A noite fecha, escura, noite de trevas e dôr. Há lágrimas, há desesperos. Mas também há anceios, esperança nos corações... chama que a pouco e pouco contorna as personagens. Em silhueta, passam homens, em fila indiana, curvados sôbre o pêso de remorsos — os judeus.

Trágica situação em que os vemos, mais uma vez, como em muitas outras no decorrer dos séculos: — caminhando e seguindo o fado daquela terrível sentença que o povo deícida pediu para si e pela qual anda errante pelo Mundo, incapaz de encontrar a paz de uma Pátria, enquanto as conseqüências do terrível delicto o perseguem sempre e em tôda a parte.

A luz ainda é indecisa. Reina grande confusão nas mentes... mas já se vislumbra o alvorecer da Verdade. E com ela a Paz... a paz aos homens de boa vontade. Amem.

IGNOTUS.

João Ferreira das Neves



Rua Santo António — Telefone 181

GUIMARÃIS

Horário das carreiras de caminhetas

HORÁRIOS DAS CARREIRAS

PEVIDÉM

Guimarães	Pevidém	Pevidém	Guimarães
Partidas	Chegadas	Partidas	Chegadas
7,35 A	7,50	8,00 A	8,15
8,05 F	8,20	8,30 F	8,45
8,20 B	8,35	9,00 B	9,15
12,00 C	12,15	12,30 C	12,45
16,30 B	16,45	17,15 B	17,30
19,15 D	19,30	19,30 D	19,45
20,35 E	20,50	20,55 E	21,10

A — Efectuam-se diariamente excepto aos Domingos.
B — Efectuam-se aos Sábados.
C — Efectuam-se diariamente.
D — Efectuam-se de 1 de Dezembro a 30 de Junho.
E — Efectuam-se de 1 de Julho a 30 de Novembro.
F — Efectuam-se só aos Domingos.

HORÁRIO DA CARREIRA

PÓVOA DE VARZIM

Guimarães	Póvoa	Póvoa	Guimarães
Partida	Chegada	Partida	Chegada
7,15	9,55	17,15	19,50

Efectua-se todo o ano

De 1 de Julho a 30 de Novembro

Guimarães	Póvoa	Póvoa	Guimarães
Partida	Chegada	Partida	Chegada
7,15	9,55	18,35	21,20

De 15 de Junho a 15 de Novembro

Guimarães	Póvoa	Póvoa	Guimarães
Partida	Chegada	Partida	Chegada
11,45	14,25	8,00	10,40

HORÁRIOS DAS CARREIRAS

PORTO

Guimarães	Porto	Porto	Guimarães
Partidas	Chegadas	Partidas	Chegadas
8,05	10,00	8,00	10,00
12,35 C	14,30	12,30 C	14,25
18,20	20,15	17,00 A	19,05
		18,30 B	20,25

A — Só se efectuam de 1 de Dezembro a 30 de Junho.
B — Só se efectuam de 1 de Julho a 30 de Novembro.
C — Não se efectuam aos Domingos.

1926-1939

28 de Maio. Dia glorioso da Revolução Nacional! Lembremos, neste dia, a memória do Marechal Gomes da Costa, e, com êle, de todos os que tomaram na defesa da ordem contra a demagogia; saudemos os homens do 28 de Maio nas pessoas dos nossos Chefes Carmona e Salazar; lancemos os gritos de *unir fleiras*, de todos os nacionalistas, em volta da Bandeira erguida pela Ditadura e de alerta contra os homens do 29 de Maio (?) que, em último esforço, tentam enquadrar-se nas nossas colunas.

Comemoramos, no próximo ano, 800 anos de vida.

As grandiosas Festas a realizar em 1940 só seriam possíveis dentro da Revolução Nacional e da orientação de Salazar.

A' Mocidade Portuguesa, que a esta hora, em Lisboa, comemora esta augusta data, afirmando a sua força, disciplina e alegria—impondo-se como uma certeza, de verdadeiros continuadores da Revolução— as nossas saudações, de camaradas.

Câmara Municipal

A Câmara em sessão de 19 deliberou:

Assentar na execução imediata das seguintes obras: abastecimento de águas; pavimentação de ruas e urbanização dos terrenos à volta dos Paços dos Duques de Bragança, resolvendo contraír o empréstimo de 2.500 contos para a execução destas obras; expropriar, amigavelmente, a António Esteves da Silva, uma casa sita no Largo do Quartel por 12.000\$00 e duas moradas de casas a José Mendes de Abreu, no mesmo local por 8.000\$00 sendo estas expropriações feitas para a urbanização feita à volta do Castelo, resolvendo pedir a isenção de pagamento das respectivas sisas; pedir autorização, ao Govêrno, para contratar um chefe de contabilidade; publicar editais proibindo a passagem de veículos de carga, por baixo dos arcos do edificio onde se encontra instalado o Arquivo Municipal, a fim de evitar os inconvenientes que daí resultam; tomar conhecimento do relatório e contas da Casa dos Pobres, na gerência de 1938, e felicitar aquela direcção pelos resultados obtidos; autorizar o pagamento de 1.000\$00 ao empreiteiro do empedramento das minas da Penha, Manuel Dias, por conta dos trabalhos executados; autorizar o pagamento de 2.049\$50 à Junta de freguesia de S.

João da Ponte, importância correspondente ao imposto de trabalho cobrado naquela freguesia relativamente ao ano de 1937.

AGUAS

Não há ninguém que possa negar a importância do problema das águas. Ainda no verão passado, após uma estiagem há muitos anos sem exemplo, todos os vimezanenses sentiram a necessidade urgente da sua rápida resolução.

Não se imagine porém que este grave problema tenha sido descurado por parte das vereações que nos últimos anos têm gerido os negócios do município. Todos os anos se têm inscrito nos orçamentos e dispendido somas de muitas dezenas de contos. E conseqüentemente tem sido consideravelmente aumentado o caudal que diariamente entra no depósito central. No orçamento do ano corrente inscreveu-se (Art.º 34-2.º) — «despesas com a exploração de águas no concelho e outras» a verba de 100 contos.

Há pouco, surgira inesperadamente, uma solução, por assim dizer definitiva para este problema, que estava a ser estudada e que ficaria consideravelmente mais barata do que qualquer das outras soluções até à data encarradas e que além disso poria na posse da Câmara elementos valiosíssimos para o Turismo do Concelho.

Problemas Municipais

(Continuação da 5.ª página)

tante algumas pertencerem a zonas convencionadas estão praticamente por electrificar) 1.300 contos. Para essa despesa o Estado poderá concorrer com metade. E se a Câmara e as freguesias concorrerem com 25 p. c. cada, vê-se quanto facilitado se encontrará o problema da electrificação rural.

Há que resolver o problema sem prejuízos mas também sem preocupação de lucros.

A proposta aprezentada não corresponde—como se vê—a uma tal finalidade.

Municipalizados os serviços com os baixos preços que indicamos não deve haver receio de qualquer elevação de tarifas. A tendência do custo da electricidade nas fontes de produção é de franco embaratecimento.

O Pôrto está recebendo, por contrato ultimamente feito, energia—que passa sobre o nosso concelho—a menos de \$30 por Kilowatt, e Guimarães que faz parte de uma região amplamente fornecida e mais próxima de algumas fontes produtoras de energia, pode bem aspirar, por ser um centro de grande consumo, a obter para os seus fornecimentos aquêle mesmo preço ou ainda menor.

Não olhemos porém só para o momento presente. Alonguemos o olhar para o futuro e atendamos á possibilidade, em regime de municipalização, do agrupamento de vários concelhos para a resolução de problemas como os da electrificação de fábricas, da agricultura e de viação.

São problemas importantíssimos para o desenvolvimento e progresso dos concelhos que, se têm de ser encarados sem animosidades para quem quer que seja, têm também de ser resolvidos sem se atender a pequenos ou grandes interesses particulares ou a quaisquer manifestações sentimentais.

Atendamos a que o nosso concelho já consome, segundo a estatística de 1937, sete milhões de Kilowatts e que, aos preços que adoptamos para a municipalização, partindo da base de \$30 para compra do Kilowatt em alta,—cada milhão de Kilowatts na luz, deixa ficar 700 contos e na força motriz 225. Bastará imaginar que a electrificação geral do concelho traga ao consumo de energia um aumento de dois ou três milhões de Kilowatts para se ver a importância colossal deste negócio que a Câmara pode reservar para si lançando-o seguidamente em melhoramentos sobre todo o concelho, em vez de cedê-lo, sem nenhuma vantagem a quaisquer intermediários.

As possibilidades para o futuro são

imensas, e é fácil perceber agora a razão porque no Relatório Técnico Financeiro, o Engenheiro Sr. Almeida de Eça afirmava «que a Câmara municipalizando os serviços ficará com uma poderosa alavanca de progresso nas mãos»

Não quer isto dizer que em uma concessão não seja possível alcançar uma situação de equilíbrio entre os interesses da Câmara, os dos actuais e futuros consumidores, especialmente das freguesias rurais, e os dum concessionário.

A proposta aprezentada é que ainda não dá um passo nessa orientação.

*

* *

Deixamos para o fim, propositadamente, a análise da cláusula da duração da concessão.

Diz-se na proposta que a duração da concessão será de 20 anos «sendo indispensável este prazo para se tirar a compensação da electrificação rural».

Não é preciso apontar aqui os inconvenientes que tornam esta cláusula inaceitável.

Se um tal prazo é indispensável ao concessionário isso levaria à rejeição pura e simples e sem mais análise da sua proposta.

Não quisemos encarar o assunto por esse modo e parece-me, do que fica dito, podermos tirar as seguintes conclusões.

a) — A proposta elimina, sem quaisquer compensações, tôdas as vantagens que a Câmara eram concedidas pelo contrato de 1901, prejudicando os interesses municipais pela elevação do custo da luz;

b) — A municipalização pode fazer-se a preço mais baixo do que alguns daqueles que a proposta apresenta para concessão;

c) — A proposta não garante a electrificação rural que é embaraçada ou até tornada impossível porque exigirá um esforço incompatível com a economia das freguesias e levará ao desinteresse do problema por parte da Câmara e do Estado;

d) — O prazo da concessão é inaceitável.

Nestas condições e atendendo à circunstância de o público receber grandes benefícios com os preços porque vai fazer-se a municipalização, entendendo que os trabalhos para que ela se efective devem ser acelerados se a Câmara nisso estiver de acôrdo.

José Maria Pereira Leite de Magalhães e Couto.

Empréstimo Municipal

Ao contrário do que escreve o *Notícias de Guimarães*, de 21 de Maio, ao relatar a reunião que se efectuou na sala das sessões da Câmara Municipal, a convite do seu Presidente, no passado dia 16, informamos os nossos leitores de que o empréstimo que a C. M. da Presidência do sr. capitão Magalhães Couto pretendia contraír na C. G. dos Depósitos era de 3.500 contos e não de «8.000 e tantos», como aquêle semanário insistentemen-

te afirma. E' o que consta do orçamento ordinário para o ano económico corrente, aprovado em sessão ordinária de 30 de Dezembro de 1938.

Com efeito do Art.º 46 do orçamento da receita, consta o seguinte verba: «empréstimo a contraír na C. G. de Depósitos, Crédito e Presidência, 3.500.000\$00».

Este número foi visado pela Comissão de Censura